

Historia de Muqui

Levy Rocha

1309704

Numa rápida visita à professora Néi Pacheco a encontro entusiasmada com o material que está recolhendo para escrever a História de Muqui. Ela pretende fazer algo mais do que um folheto como o já existente integrado na coleção de monografias que o IBGE editou em 1962, ou o trabalho de Paulo Henriques de Mendonça, **Notícia Histórico-Estatística do Município de Muqui** lançado em 1955. no dia da "Cidade Menina".

O monte de documentos achados pela nova pesquisadora não é ainda considerado bastante mas a estimula e entenece, tal acontecendo com os originais manuscritos dos poetas Rosário e Miletto Rizzo, ambos ex-prefeitos daquele município que tiveram como torrão natal. A bibliografia impressa, embora vária, escasseia. São jornais desde o mais antigo **Muquyense**, órgão republicano fundado pelo Dr. Geraldo Viana e que já em outubro de 1914 tinha contrato com a Prefeitura para publicação dos atos oficiais, ou **O Município**, semanário fundado em 1948 e ainda circulante graças aos desvelos de um outro ex-prefeito e benemérito de Muqui, professor Dirceu Cardoso. Há o jornal **Libertador**, como jornaizinhos extemporâneos que algumas poucas pessoas tiveram a lembrança de guardar.

Uma página impressa com a composição poética de Rosário Rizzo, **Salve! Muqui** tão recitada nas escolas, foi para a profa. Néi grande surpresa constatando ter em mãos uma folha da revista **Primavera** (março de 1923), revista que havia na cidade, fundada pelo Dr. Geraldo Viana. Era muito bem redigida, o que poderá ser comprovado na leitura da sua coleção quase completa conservada na Biblioteca Nacional.

A pesquisadora está informada das atividades do 1º Prefeito eleito de Muqui, Emílio Coelho da Rocha, empossado no cargo a 23 de maio de 1914. Ela terá acesso aos seus ofícios manuscritos (Câmara Municipal de S. João do Muqui), endereçados ao Cel. Marcondes Alves de Souza, Presidente do Estado, ou ao digno Secretário-Geral do Governo, Dr. José Bernardino Alves Junior, bem como terá a **resposta ao questionário** formulado pelo mesmo Presidente do Estado ao dito Prefeito, no qual estão minuciadas algumas obras daquele município. Como curioso subsídio, a Profa. Néi vai encontrar na mesma fonte, o Arquivo Estadual, **ata da eleição para Deputado** realizada em 3-5-1916, para o triênio 1916-1917, notando a extraordinária coincidência do mesmo número de votos alcançados pelos vinte candidatos — (84) oitenta e quatro votos, relação encabeçada pelo Dr. Geraldo Viana. Ela estará ciente que nossa família guarda como relíquia o título de nomeação a Tenente da Guarda Nacional do 1º Prefeito, mas ignora a existência doutro título que ele recebeu: diploma de cirurgião-dentista, conferido pela "Escola Livre de Odontologia de Muquy" expedido pelos "diretores e lentes catadráticos", atendendo ao "preparo científico do aluno Emílio Coelho da Rocha". Em "Muquy, Edifício da Escola, 10 de março de 1910"

assinaram "os Diretores": Adalberto Pinheiro de Souza e Abílio Lima. No papel, com a tinta esmaecida, ao lado da 1ª assinatura foi anotada a observação: "grande amigo". E, no verso do "Diploma", outra anotação do mesmo punho que diz bem o significado da brincadeira de dois viajantes amigos do "diplomado": "Como se troçava!" Essa brincadeira com o dentista-prático serviu de patiscada a outros dois amigos seus, colegas de profissão: João Longo, que em 1907 já possuía gabinete dentário sendo considerado o 1º dentista de Muqui, e Inocêncio Costâncio da Silva, cuja clínica odontológica anunciava no **Muquyense** de 6 de março de 1921 a especialidade em pontes americanas, pivots, chapas com ou sem pressão, incrustações de ouro, etc.

Sobre o desbravamento dessa pequena comuna cuja extensão compreende 296 quilômetros quadrados, nomeada zona Serrana do Sul, pairam dúvidas quanto aos seus pioneiros. Troncos de duas famílias, Werneck e Leal, ambos procedentes de Santa Teresa de Valença, província do Rio de Janeiro, mais ou menos na mesma época, ou seja, meados do século passado, subiram o rio Muqui do Norte, afluente do rio Itapemirim, buscando desbravar a região e plantando fazendas de café. Os Werneck se agregaram às margens do rio Sumidouro, afluente do rio Muqui do Norte, enquanto os Leal derrubaram florestas mais próximas às nascentes desse pequeno caudal, no distrito de São Gabriel do Muqui, atual Camará.

Uma notícia do jornal **Cachoeirano** (7-3-1901), ao registrar o falecimento do fazendeiro João Luis Dias em sua fazenda de **São Pedro**, distrito de São Gabriel do Muqui, "na avançada idade de 90 anos, deixando uma viúva de idade superior à sua e um filho contando, aproximadamente, 70 anos", menciona um pioneiro do Muqui cujas fontes históricas deixaram-se encobrir sob a poeira dos arquivos. Detalha a notícia que o finado fazendeiro natural de Valença foi um dos primeiros que entraram para aquela mata quando apenas existiam três ou quatro moradores de Cachoeiro a São João do Muqui. Prossegue informando que naquele tempo a comunicação dos dois núcleos populacionais para tratar de negócios do comércio era feita por meio de uma picada gastavam dia e meio na viagem, percurso que havia se tornado realizável em duas horas. O progresso creditava-se à Estrada de Ferro Leopoldina cujas pontas dos trilhos haviam alcançado Muqui há dois meses, isto é, em 15 de agosto de 1901.

Auguro à Profa. Néi Pacheco novas emoções de desentranhar velhos documentos e êxito na elaboração da História que pretende escrever. Acho mesmo muito gratificante lembrar coisas de nossos ancestrais, nossos parentes e nossa terra natal, desvendando às novas gerações os fatos do passado.

Brasília, 16-11-1983.